

Contrabando na comitiva irrita Sarney

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

NOVA YORK — Um computador Toshiba e um toca-discos laser embarcados sorrateiramente por um membro da comitiva presidencial provocaram certo constrangimento durante a entrevista coletiva dada ontem por Sarney em Nova York.

Ao ser questionado sobre os aparelhos que foram flagrados quando eram entregues em um apartamento de sua comitiva, o presidente José Sarney, bastante irritado, mandou que se passasse para outra pergunta.

Pouco depois, o presidente diria, respondendo a outra questão, que "nenhuma denúncia de qualquer irregularidade chegou ao meu governo, ao meu conhecimento, sem que eu tivesse determinado a abertura de inquérito e tivesse mandado tomar providências".

A pergunta sobre um eventual contrabando oficial de aparelhos eletrônicos por membros de sua comitiva só não chegou a ser respondida, como explicou o assessor de Imprensa do presidente Sarney, mais tarde, porque "era pequena demais, e levemente formulada".

Coube à repórter da Folha de S. Paulo, Renata Lo Prete, formular a pergunta sobre os computadores, numa escolha entre os repórteres sorteados para entrevistar o presidente, na manhã de ontem. A pró-

pria repórter protestaria ao assessor de Imprensa Carlos Henrique, dizendo que a pergunta nada tinha de leviana e merecia uma resposta.

Preparando as malas em sua suíte, Marly repetiu a pergunta para um funcionário do Itamaraty. E ele respondeu que "não fomos nós", os diplomatas, "mas, talvez, os parlamentares". Neste momento, no saguão do hotel, o porta-voz Carlos Henrique explicava aos repórteres que acabava de fazer uma investigação e concluiu que "o único computador posto à disposição do escritório de apoio da delegação é de uso da missão permanente do Brasil na ONU e já foi devolvido". Numa nota oficial, distribuída às pressas no saguão do hotel, a Secretaria de Imprensa da Presidência da República ainda diz: "Nenhum dos membros da delegação adquiriu computadores durante sua permanência em Nova York".

Pelo menos um computador Toshiba 1200 e um toca-discos laser foram entregues no apartamento 1.426, usado como espaço para apoio da comitiva presidencial. Tinha sido comprados na loja City Services, dos brasileiros Elton e Regina, especializada em aparelhos eletrônicos muito procurados no Brasil. "Você é da comitiva?", quis saber o entregador brasileiro da City, quando a Agência Estado lhe perguntou, no saguão do hotel, se seria fácil entrar com um Toshiba 1200+ no Brasil. "Se for, não tem

problema." Ele ainda reclamou que "as compras não estavam sendo tão grandes como de outras vezes". Regina, a sócia, acrescentaria, ontem, que "nosso negócio é vender". E não quis mostrar nenhuma das notas fiscais das compras entregues no Hotel Intercontinental.

Quando o desmentido oficial já estava circulando, um caminhão placa XM 99SM, estacionado na rua 49, recebia algumas caixas fechadas do que pareciam ser computadores marca Wang. Havia claramente um pacote com um teclado. Um agente de segurança quis saber, do repórter da Agência Estado, o que ele queria ali, olhando o caminhão ser carregado. O porta-voz Carlos Henrique foi levado até o caminhão, viu o teclado e uma outra caixa, fechada, nova, e reagiu: "O computador que tínhamos aqui já devolvemos".

Houve um momento, ontem, que fotógrafos e câmeras correram atrás de um homem que empurrava um carrinho com caixas de computadores fechadas pelo saguão do hotel. Depois da entrevista coletiva, a preocupação maior era com vestígios da "muamba", muito mais do que com o próprio presidente Sarney, que pôde sair tranquilamente por uma porta lateral, para almoço, sem ser incomodado. As caixas foram fotografadas, e as pessoas na rua olhavam sem entender por que elas despertavam tanto interesse.



O presidente Sarney embarca, com Marly e Abreu Sodré, de volta ao Brasil

Carlos Fenerich

Na entrevista, a análise da crise

A entrevista do presidente Sarney durou meia hora e começou depois de um café da manhã com a imprensa estrangeira. A primeira pergunta foi sobre o futuro da economia, agora que ele tem apenas mais 20 meses na Presidência. O presidente disse que "nossa crise é política, porque não é a crise das estruturas econômicas (...), que se mantêm íntegras, com toda a sua potencialidade. O que nós temos é, estruturalmente, uma crise do Estado, a crise de um país que busca modernizar-se, enfrentar o futuro, preparar-se para o século XXI, e que tem estruturas estatais e políticas desatualizadas e obsoletas..."

Sarney repetiu o seu desejo de promover um pacto político "para terminarmos a transição e dentro desse pacto político termos algumas tréguas que pudessem dar melhores condições ao País para ele sair de suas dificuldades".

Perguntado sobre o motivo de não se envolver diretamente nas negociações, como os presidentes do México e da Argentina, por redução pela metade do serviço de suas dívidas, o presidente respondeu que o Brasil é que levantou a tese de que a dívida tem dois patamares: um político e outro financeiro. E concluiu dizendo que o acordo que está sendo fechado em Nova York, nos próximos dias, "é o melhor acordo que nós já fizemos".

PAÍS CORRUPTO

A imagem do Brasil no Exterior, a de um País desgovernado e corrupto, segundo Sarney, tem uma explicação: "A imprensa estrangeira reflete muito o que a imprensa brasileira pública". O presidente citou Jefferson: "É melhor que tenhamos uma imprensa que seja injusta a não termos nenhuma imprensa".

Sobre o pacto nacional de apoio

Presidente chega hoje

O retorno do presidente José Sarney a Brasília está previsto para a 1 hora de hoje. Seu primeiro despacho administrativo envolverá decretos de rotina: liberação de recursos, aposentadorias e expulsão de estrangeiros. As 11h15, ele receberá, na Base Aérea, o primeiro-ministro de Portugal, Aníbal Cavaco Silva.

Como faz todas as semanas, desde que as atenções do Planalto voltaram-se para a Constituinte, Sarney deve promover amanhã uma reunião com os dez ministros que formam o seu conselho político informal. Estará em pauta a votação da anistia aos militares nas Disposições Transitórias. Sarney deve começar também a armar sua estratégia para o segundo turno de votações da Constituinte.

ao seu governo, Sarney disse: "Um pacto nunca pode ser unânime, mas deve ter uma unidade básica de consenso, capaz de fazê-lo funcionar. Esse seria o desejo em benefício do País. Não acredito que, neste instante, nós tenhamos mais sucesso para encontrar essa solução do que no princípio do governo, quando nós tentamos. Mas um pacto dessa natureza se faz sem exclusão de ninguém. Todos aqueles que quiserem participar fortalecerão este pacto. Assim tem sido feito no mundo inteiro".

O presidente não fará nenhuma reforma ministerial "espetacular", nem acha que será ela que resolverá o problema. Para ele, é normal substituir "um administrador que não estiver dando certo".

Saindo da entrevista coletiva, encerrada ainda sob o impacto do mal-estar criado pela questão da compra de computadores, Sarney foi para as Nações Unidas, onde manteve rápidos encontros com os presidentes do Afeganistão, de Chipre e do México, Miguel de La Madrid, o único com quem discutiu assuntos bilaterais.

Tanto ao Afeganistão quanto a Chipre, segundo um diplomata que assistiu os dois encontros, o Brasil prometeu apoio no Conselho de Segurança das Nações Unidas, de que agora é membro.

M.R.